

PODERÁ O AMOR VENCER A BARREIRA DO TEMPO?

UMA ROSA PROMETIDA À CORTE

UMA VIAGEM À 1960 DA CIDADE DO WAKU KUNGO
UM SEGREDO OSCURO.

**CONTO
PARTE 4**

DE JUVENÁLIA DA COSTA.

DADOS DE COPYRIGHT

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <jc20craiations@gmail.com>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projecto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <juvenaldacosta@outlook.com> e saiba como isso é possível.

Copyright © 2020 Juvenália Da Costa Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-989-35160-1-0

Revisão: Juvenália da Costa

Capa: Juvenália da Costa

Imagem de fundo: Chocolate.co.ao

Informação sobre a autora



Juvenália Da Costa nascida em 14 de junho de 1993, Engenheira de formação, empreendedora por vocação e escritora por paixão. Apesar de formada na área exata, sempre se encantou com a criação mágica que as palavras podem formar, tendo uma imaginação fértil, tem se dedicado na criação de diferentes histórias curtas que tem chamado a atenção dos leitores.

Dedicatória

*Dedico este episódio com amor e carinho,
para todos os apaixonados por música e
a natureza.*

Resumo do capítulo 4

Neste episódio, Terêncio perde o controle da situação, porque pela primeira vez estava perto de governar o Waku kungo. Weza tenta mais uma vez escapar das garras de Lombá, mas essa fuga promete um reencontro profundo de corpo e alma. Lúcius não mede esforços para recuperar sua rainha. Enquanto uma cabeça a prêmio agita o Waku kungo e um segredo é revelado.

CARO LEITOR,

Queremos saber sua opinião sobre nossos livros.

Após a leitura, siga-nos no [Instagram/@juvenalia_escritora](#), siga-nos no Facebook [@desabafos e recomeços](#).

Contacte-nos e contribua com sugestões, críticas ou elogios.

Boa leitura!

CAPÍTULO 4

Lúcius entrou na sala ainda em dificuldades de caminhar, encarando cada um dos presentes com repulsa e incrédulo por presenciar tamanho desrespeito com o anterior rei, seu pai.

Olhou atentamente para cada um dos membros procurando por respostas.

– João III cometeu um erro muito grave, vossa majestade. Por recusar a mudança, o prendemos e elegemos um rei interino. – Adiantou-se o chefe de segurança para Lúcius que caminhava apoiando-se ao ombro direito com dificuldade em direção a Terêncio.

Terêncio cerrou os dentes ao aperceber-se da entrada de Lúcius. Deixando passagem para que Lúcius se sentasse, amaldiçoou para si mesmo aos Deuses por permitirem que Lúcius recuperasse exactamente no momento em que foi eleito como rei.

– Como? Que erro foi esse que não podiam resolver na conversa? – Sentou-se finalmente aliviado devido ao esforço feito para chegar até à mesa.

– Ordenou a queima das fazendas do homem que levou a rainha, vossa majestade. O incêndio culminou na morte de várias crianças inocentes.

Lúcius abaixou a cabeça quando ouviu aquilo. Crianças? “Pensou” Não era apologista de ordens tão extremistas como àquela, pois foi criado por um Rei bondoso, que o ensinou a proteger as crianças inocentes das garras de homens maldosos. Não fazia sentido nenhum na sua cabeça. Como o pai se tinha convertido em um deles? Virou-se na direcção de João III que junto da mãe se recompunha. Partilharam um olhar cúmplice de tristeza. Precisava processar melhor as informações e entender o que estava a acontecer.

– A ordem de meu pai foi matar as crianças?
– Virou-se para a mesa novamente.

– Não, vossa majestade. Mas...

– Se não foi uma ordem directa, então não vejo motivos para o prenderem!

A sala ficou novamente invadida por um silêncio abafado no ar e todos puseram-se a murmurar, admirados pela falta de coerência do Rei Lúcius. Porque o conheciam pela bondade, integridade e compaixão.

– As crianças morreram por consequência de uma ordem dada por nós, o que me parece normal em qualquer conflito. Por acaso acharam a minha rainha neste ataque?

– Não, majestade. – Respondeu o chefe de segurança.

– Lúcius, tu não estás em condições de... –
Replicou Terêncio, pouco à vontade.

– Cala-te! O Lúcius que conheceste morreu! Sou teu rei e mereço ser tratado com respeito. Quero que me atualizem agora mesmo sobre tudo.

– Endireitou-se na cadeira e virou-se para o pai novamente e disse-lhe:

– Venha sentar-se connosco, Pai.

– Só me sento nessa mesa se Terêncio sair desta sala!

– João, estás a tornar-te em um velho mimado e fora de controlo. Venha tirar-me da sala com mãos própria, seu velho maldito!

João III caminhou em direção a Terêncio e rapidamente cerrou as mãos e encostou no rosto dele com tamanha força que fez Terêncio cair de costas para o chão. Terêncio, surpreendido com o golpe levantou-se e devolveu a bofetada em um golpe mais forte. João III agarrou em Terêncio pelo colarinho e com o joelho direito pontapeou em direção ao estômago dele.

O chefe de segurança e os guardas tentaram separar um do outro, mas os dois não se largaram dando golpes um no outro de forma violenta.

– Basta! – Lúcius gritou batendo na mesa com o punho direito com força.

Os homens largaram-se imediatamente ao ouvirem a voz vibrante do rei. Lúcius levantou-se em direção aos dois e disse-lhes:

– Se não conseguem sentar-se à mesma mesa diante do vosso rei, a cela servirá melhor para os dois!

Terêncio e João III baixaram a guarda e ajoelharam-se perante ao rei.

– Não é o que queremos, vossa majestade. – Falaram em simultâneo.

– Levantem-se e sentem-se connosco agora mesmo! Mais uma cena dessas, deixarão de servir o reino e serão expulsos do palácio. Estamos entendidos?

– Sim! – Puseram-se em pé e sentaram-se por fim.

– Contem-me tudo o que aconteceu na minha ausência!

Após ouvir atentamente todos os planos e execuções falhadas para encontrar a sua rainha, Lúcius só podia pensar em uma única coisa, Weza, graças a ela voltara a vida, pois ela era tudo que de mais valioso possuía.

Lúcius nasceu e cresceu sabendo que viria a ser rei por ser o primogénito de seu pai, João III, mas o reinado nunca o tinha fascinado tanto quanto ao momento que pousou os olhos sobre a bela Weza Cristalina. Era belíssima, tinha a pele mais brilhante do que a flor da margarida banhada pelo pôr-do-sol ao final do dia. Possuía também um olhar arrebatador que levava qualquer homem a borrar-se por completo, ao imaginar a sua boca em lugares de profunda intimidade. Enquanto falavam, Lúcius parou em alguns segundos a imaginar Weza, a andar pelo palácio indo ao seu encontro para exhibir mais um dos seus quadros, com o sorriso

mais iluminado que o sol. Weza era o ar, o mar, o céu, e imaginar seu rosto lhe deixava leve e em paz.

– Vossa Majestade?

Lúcius estava com o olhar distante, imaginando Weza correndo com o corpo leve e solto de alegria por todos os cantos da sala. Uma nuvem negra de repente apoderou-se dele causando-lhe uma dor enorme na parte superior da cabeça e uma voz se fez presente.

– Vossa Majestade? Está tudo bem? – O chefe de segurança insistiu.

– Vamos encontrar-te! – Falou Lúcius para o horizonte e depois olhou para a sala e continuou: – Vamos mover céus e terras para encontrar a minha rainha, nem que para isso morram mais inocentes! Não matem o homem que me alvejou. Tragam-no vivo para mim. Têm quarenta e oito horas para executar as minhas ordens!

– Mas a imprensa virá, vossa majestade. Há especulações envolvendo o nosso nome. O nome do palácio será manchado de sangue e...

– Do que importa o bom nome do palácio se não tenho, a minha rainha?

– Vossa majestade?

Murmúrios de protestos ecoavam pela sala inteira. Mas Lúcius ignorou por completo.

– Saiam todos! Lembrais-vos que há consequências para qualquer desacato e falha na missão que vos ordeno.

No meio da noite, Lombá despertara do sono mais uma vez, pois dormia apenas por segundos pelo escritório. Andava pela casa procurando acalmar o coração que incendiava feito brasa com vontade de chorar, de gritar, e de explodir por inteiro. Estava ferido por dentro, como se lhe tivessem posto uma bala no peito e a mesma ainda dentro lhe tivesse perfurado os órgãos aos pedaços, igual uma máquina colhedora de milho.

Nenhuma bebida no mundo, nenhum outro remédio era mais eficaz do que o violão que o acompanhava desde a mocidade. Buscando um ar desesperado que lhe faltava, pegou nele e seguiu caminho para o quintal da casa. O céu estava igualmente nublado como nos outros dias, porém mais escuro do que o normal, talvez fosse do escuro que se lhe via pelos olhos ou da escuridão da alma que o atormentava nos últimos dias. Não se importando com o frio que trazia aquela noite escura, sentou-se descalço junto a palmeira. Abraçou-se ao corpo do violão, deixando o ombro

esquerdo segurar a cabeça do mesmo como que a procurar um consolo nos trastes. Afinou as cordas e pressionou os dedos com força trazendo um som limpo e claro de tristeza. Respirou fundo e soltou a voz:

Negro... cansado

Esforçado, dominado

Apaixonado por mato,

Por terra...

Pelo suor do teu rosto

Vi plantações crescer

O café que foi pisado,

Torturado pelos seus pés

Lombá parou por um momento ao imaginar o irmão vestido trajas típicos de camponês, e com aquelas botas de que tanto gostava. Lembrou-se

das inúmeras vezes que ofertou roupas mais decentes ao irmão, mas ele se recusava a aceitar porque amava as roupas de fazendeiro, botas cansadas e chapéu furado. Joacir era um homem do campo, que vivia e respirava terra, que amava o verde das plantações como a semente germina com banhar nas águas das cachoeiras.

Procurou forças adormecidas dentro do peito e continuou a cantarolar acordando qualquer ser que possuía audição por àqueles matos:

Chora a mamã

Choram os teus filhos

Choram as fazendas

Choram teus irmãos

Porque partiste meu camarada?

Em cada tom de sua voz podia sentir dor, tristeza, e toda escuridão que lhe assombrava.

Pensei que não houvesse tristeza

Perto da natureza

Mas um pobre infeliz

Como eu reza...

– Reza? – Perguntou para si mesmo. – Que reza? Não se ganha nada pela reza! Por que os santos não olharam para Joacir se ele não se cansava de rezar a santa? Porra! Eu não sou homem de muita fé, mas meu irmão Joacir era. – Deixou o violão cair sobre o chão húmido e ajoelhou-se erguendo a cabeça para o céu escuro.

– Por que teve que ser ele? Por que não eu? – Falava golpeando-se no peito.

Do lado de cima da janela, Weza acompanhou toda a cena pelo canto superior direito, encostada ao banco alto de madeira. Qualquer ser que possuísse a mais ínfima das audições, ouviria Lombá e seus gritos pela madrugada escura do sertão.

Como assim Joacir morreu? Cada minuto que passava naquela casa era totalmente surpreendente. O que se estava a passar exactamente? Teria a corte algum envolvimento com aquelas mortes?

Weza estava com os pensamentos aos saltos, interrogando-se por tudo. Ficaria louca se não obtivesse respostas. O que diabo estaria a acontecer para ser mantida naquela casa feita prisioneira? Precisava de respostas e sabendo que não as teria tão facilmente, teria que pensar em uma forma de escapar daquele lugar o mais rápido possível.

Por muito que odiasse Lombá, tinha dó de vê-lo ali no silêncio da escuridão. Falto de alegria,

inspirando tristeza por todos os tons de sua vibrante e eloquente voz. Havia dentro de si um sentimento indecifrável. Por um lado, o desejo avassalador de lhe iluminar a alma e por outro, amaldiçoar a sua existência por lhe roubar da corte, e por atirar em Lúcius, que não sabia do seu estado ao certo. Se não obtivesse respostas sobre tudo que desejava saber era capaz de cometer uma loucura.

Distraída em pensamentos, não reparou que Lombá já não estava ali deitado ao chão. Inclinou-se para ver se tinha caminhado para o canto, mas não viu nem sombra de seu corpo. Por segundos ouviu passos no corredor e guiada por instinto deitou-se rapidamente na cama, se cobrindo dos pés aos ombros dentro da manta branca em algodão. Fechou os olhos quando ouviu os passos mais próximos da entrada de seu quarto.

Lombá abriu a porta do quarto lentamente evitando que se soltasse um ruído que pudesse acordar Weza, a fechou atrás de si. Dirigiu um olhar minucioso por todos os cantos do quarto

procurando por ela. O quarto continuava o mesmo que se lembrava, mas tinha um aroma diferente, o aroma de rosas que o enfeitiça, um cheiro dócil inundava o espaço por inteiro. Caminhou em direção a cama e lá estava ela, tão bela e frágil exalando na delicada pele suave o seu perfume característico. Não podia ser apenas aquele aroma que o enfeitiçara, era ela. Sentir aquele cheiro lhe trazia paz e consolo na alma vazia. Preenchendo os espaços com o encanto da sua beleza irresistível. Lentamente passou os dedos sobre os fios lisos de cabelo dela que provocavam nele vibrações quentes que mais nenhum outro corpo lhe causava.

– Eu tentei te esquecer, eu juro, mas o meu coração não deixa. Por mais que eu tente, tu não saís da minha cabeça. – Lombá falou baixinho enquanto deslizava a mão sobre o rosto de Weza.

Weza sentiu a respiração dele aquecer seu corpo por dentro. Fazendo com que o coração aumentasse o ritmo acelerado. Nenhum outro toque era tão longamente intenso como aquele.

– Como consegue ser tão perfeita e preencher cada canto do meu coração dessa maneira? Se for um feitiço eu peço que me liberte logo, pois eu não aguento mais viver assim.

O corpo de Weza paralisou ao ouvir tal confissão.

Ouvir cada palavra carregada de dor lhe roía o peito, pois naquele momento, era impossível entender os seus próprios sentimentos muito menos entender que raio de amor era aquele que Lombá sentia por ela. Porque doía profundamente saber que infelizmente a mente deixava de funcionar, como se a vida lhe fora injusta ao lhe colocar novamente diante daquele sentimento, o amor, o pior de todos os sentimentos que desconhece quem o tinha criado, porque se o soubesse, uma praga não lhe faltaria para lhe rogar. Por todos os malditos anos que passou, desejando que Lombá não se esquecesse dela, de todo o louco amor que viveram, queria estar apenas em seus pensamentos, ser lembrada com carinho, tal como

ela o fazia. Porque por onde quer que fosse, saberia que nunca o esqueceria.

Raios eléctricos oscilavam por todo o seu corpo naquele momento, e por pouco não abria os olhos e a boca para confessar que nunca o tinha esquecido, que pensou nele igualmente. Mas amor? Não sabia se era amor, pois o coração já tinha um inquilino, um homem que sempre esteve do seu lado e lhe ensinou a amar. A mente e o coração estavam divididos e se Lombá continuasse a lhe tocar com tamanha devoção, iria cometer uma loucura.

– Atchim. – Tossiu propositadamente para não lhe encarar e virou-se para o outro lado da cama, implorando aos Deuses que Lombá saísse daquele quarto.

Lombá levantou-se imediatamente com medo que Weza o visse daquele jeito. Afastou-se da cama lentamente, não sem antes lhe cobrir o corpo com a manta cuidadosamente. Saiu do quarto.

Após reunião no palácio, inúmeras opiniões se dividiram pelos membros do conselho, fortalecendo a conspiração que Terêncio montou para destituir o rei.

– Agora entendo-te Terêncio. Você viu de dentro o que nós não podíamos ver, mas agora está mais claro. A nossa cidade estará perdida nas mãos de João e seu filho, que pensa que reinar é uma brincadeira. – Falou Ricardo.

– Temos que acabar com eles de uma vez por todas. Agora deu na cabeça de Lúcius pôr a cabeça de Lombá a prêmio? Está descontrolado. – Argumentou Terêncio com um ar muito insatisfeito.

–Apesar de não concordar com a permanência de Lúcius na coroa, penso que não foi má ideia pôr a cabeça do marginal a prêmio. Porque não pensamos nisso antes?

– O quê? Você concorda com isso? É uma loucura, ele pode pôr tudo a perder desse jeito.

– Como tudo a perder? Do que te referes?

– Weza! – A minha filha corre perigo nas mãos do marginal. – Tentou disfarçar.

Sabia que Weza estaria em perfeitas condições, pois sabia que Lombá seria incapaz de lhe magoar. Pensou que podia confessar seus planos a Ricardo ao lhe chamar em sua casa, mas depois daquele comentário hesitou. Precisava de aliados mais firmes, e Ricardo era fraco demais para ele, tinha intenção de usá-lo apenas como uma peça descartável do seu tabuleiro.

– E pensar que quem tiver a cabeça do marginal, terá uma bela recompensa que não precisará trabalhar para o resto da vida. – Acrescentou Ricardo pensativo.

– E você só pensa no dinheiro.

– Claro. Não é o que todos pensamos?

– Nem todos têm os olhos virados somente no dinheiro, há coisas mais importantes. Preciso escrever uma carta, você me dá licença? – Perguntou visivelmente desejoso de ficar sozinho.

– Claro que sim. Meus homens estão atrás de umas pistas, se tivermos sorte, a recompensa será nossa. Não te preocupes com a tua filha amigo, vamos resgatá-la com vida.

– Por favor? – Terêncio abriu a porta do escritório convidando Ricardo a sair.

– Darei notícias.

– Obrigado.

As notícias na capital estavam a espalhar-se por diferentes teorias, segundo Calei Martins, um jornalista de maior reconhecimento, o que aconteceu a àquelas crianças da Escola foi um verdadeiro desastre, não só para as pessoas que vivem e trabalham na zona, mas, do ponto de vista ambiental, foi também "um desastre enorme" para

o país. E era muito importante para Terêncio agir já. Porque, em vários relatórios feitos sobre intervenções urgentes, já se falava do perigo de acontecer alguma coisa com a Rainha. Sabia como uma notícia como aquela seria exibida pelas manchetes dos jornais da capital, e sendo que Lúcius, o rei, não lhe daria ouvido, nem o conselho, teve que escrever ao jornalista, de forma a limpar o seu nome e quem sabe unir forças na capital para derrubar o governo de Lúcius.

Quando fechou a carta, chamou seu homem de confiança para enviar e saber notícias de Lombá e seus homens.

– Horácio. Onde ele está?

– Dentro de horas teremos a localização exacta, chefe. Mandei um rapaz infiltrado atrás dele.

Terêncio ergueu uma sobrancelha e disse num tom mais forte.

– Já sabe o que fazer quando o encontrar, certo?

– Faremos com que desapareça de uma vez por todas! E o que faremos com a rainha?

– Vamos seguir com o plano B. Eles pensam que ficarei com os braços cruzados depois daquela humilhação na volta de Lúcius, mas não perdem por esperar.

– O plano B é muito arriscado, chefe. Pensei que já o tinha descartado. – Horácio disse com a voz sumida, meio hesitante.

– Caro Horácio, às vezes jogadas arriscadas valem a pena, valem o risco.

Terêncio olhou fixamente para Horácio e continuou:

– Eu serei exactamente o que eu nasci para ser: Um rei! O Waku Kungo precisa de um líder como eu.

Não deu tempo de responder a Horácio que o observava com uma mistura de medo e admiração ao mesmo tempo.

Encostando os cotovelos sobre a secretária, com a cabeça virada para a janela, levou o charuto sobre os lábios e o acendeu inclinando o pescoço para trás para sentir melhor o gosto do fumo entre as vias respiratórias.

– Ficarei mais descansado se cuidares do problema pessoalmente. – Disse sem olhar para ele.

– Pode ter a certeza que sim, chefe.

Horácio deixou o escritório.

Weza passou a noite em claro, pois era difícil acalmar seus pensamentos e sentimentos. O único fragmento de insensatez que lhe martelava a mente era fugir. Tinha que sair daquela casa e voltar para a corte. Não conhecia aquele lugar, por mais que

tentasse olhar para os cantos da janela nem um sinal de entrada de veículos podia ver. O pressentimento lhe dizia que estava no meio da floresta. Mas não seria por isso que perderia a força de vontade de escapar das garras de Lombá.

Naquela manhã, o movimento da casa parecia mais silencioso, calculou logo que seria pela notícia da morte de Joacir. Do pouco que se lembrava dele, era um homem bondoso, que amava tanto irmão que nunca esteve de acordo com o romance deles.

Quando Evalina entrou no quarto de Weza para ajudá-la com o banho, notou que ela estava com o olhar distante. Weza pensava apenas em um modo de escapar dali. Tinha que encontrar um jeito de sair sem que fosse notada. Enquanto a esponja encharcada de água em borbulhinhas e espuma deslizava sobre seus ombros e pescoço, o olhar estava mais distante. Ouvia Evalina pronunciar algumas palavras, mas não abriu a boca para responder porque mal percebia.

– Tem de ser hoje! Tenho que conseguir sair daqui, porque agora sou uma rainha. “Pensou “

Mais uma vez o destino tentava tirar-lhe das mãos a decisão sobre o que fazer em relação à sua vida. Primeiro seu pai, depois Lúcius que por mais gentil e cavalheiro que fosse sabia que era ele quem pilotava a seu jeito o rumo de sua vida, o que fazia, o que comia, onde ia e os amigos que tinha. E agora Lombá queria fazer o mesmo. Não permitiria. Quando se é princesa de um sucessor à coroa, tornar-se rainha não era uma escolha, mas sim uma certeza.

Não quis descer para comer inventando que o pé ainda doía porque não suportaria vê-lo novamente. Já era suficientemente doloroso ouvi-lo cantar a manhã inteira canções de doer a alma, sofridas, liberando toda sua angústia, mágoa e sofrimento. Estar naquela casa atormentada por aqueles sentimentos que pensou ter enterrado, era como estar próximo da morte.

Enquanto procurava silenciosamente pelo quarto uma saída, os olhos brilharam quando viu no quarto de banho um baú de madeira. Abriu devagar e encontrou nele lençóis e mantas. Feliz pela descoberta caminhou junto a porta trancada do quarto para ouvir se alguém vinha. Por sorte o silêncio dominava o espaço e logo em seguida pôs seu plano em prática. Fez nós fortes, fazendo uma trança comprida que fosse suportar o seu peso. Amarrou sobre a grade da janela para dar jeito de descer e escapar.

Olhou para debaixo do quintal antes de atirar o lençol para o lado de fora. Não havia ninguém para além do belo cachorro de Lombá, andando em zig zag como se lhe quisesse fazer festinhas. Lançou a trança para baixo e desceu devagar. Tomou o cachorro pelo colo e lhe fez um agrado na cabeça e nas costas macias. O cachorro respondia o carinho com o seu rosnar característico, que podia pôr em perigo sua fuga. Por sorte lembrou-se da maçã que levava ao bolso e devagar jogou para longe e o

cachorro entrou na brincadeira e correu para pegar. Aliviada, olhou para os cantos para ver se alguém vinha, mas para a sua sorte os guardas estavam virados a olhar para o lado contrário. Aquele movimento e vontade de sair escondida de algum lugar lhe fez recordar do tempo em que fugia de casa para ir ver Lombá. Lhe ouvir cantar, beijar e lhe abraçar. Olhou para trás pela janela antes de afastar-se. Aquela sensação de poder tomar seu próprio rumo, de mover-se para onde quer que fosse, e por conta própria, lhe dava forças e coragem de escapar. As vibrações do seu corpo se rendiam à emoção, ao desconhecido. Levando-a assim a encontrar-se novamente com a menina que foi há anos.

Um dos guardas de preto aproximou-se e por um momento pensou que seria flagrada, mas o guarda virou-se para o outro lado e continuou a vigiar por outra zona. Levou a mão ao peito assustada, então num salto, num impulso Weza levantou-se e saiu correndo. Para onde, não sabia, mas correria sem

parar fugindo dali, fugindo daquele lugar, daquele sentimento, e daquele homem. Partiu correndo em direção a floresta. O aroma da chuva tomava conta do ar, e cada passo rápido seu sobre o cascalho produzia uma agradável atmosfera. Era como se estivesse a fugir do paraíso. O verde das árvores banhadas pela chuva proporciona uma gama de cores frescas e limpo que aos olhos brilhavam mais do que a luz do sol.

Depois de um longo tempo de caminhada sentou-se sobre um tronco de uma árvore, ofegante, olhando para o nada, para a incerteza clara de que caminho seguir. Às lágrimas vieram, caíam de forma incontrolável igual ao início do sereno de uma chuva que se avizinha.

Ao expirar, uma suave serenidade tomava conta dela. O fresco aroma dos pinheiros a acalmava. E o gotejar lento de água que caíam lentamente sobre as árvores produziam um som que lhe dava paz. Procurou olhar para o céu com a esperança de receber um sinal, um aviso, talvez um abrigo. Não

sabia para onde ir, mas tinha a sensação que fizera o certo e que estava no lugar que sempre devia estar. Abraçando a mãe natureza, e ser recompensada com tamanha beleza. Weza contemplou maravilhada aquele cenário magnífico. Ela nunca havia presenciado algo que fosse ao mesmo tempo tão poderoso e tão tranquilizador.

Andando calmamente enquanto seguia os passos deixados por Weza, Lombá avistou de longe uma mulher sentada sobre uma árvore, e raios de luz em tons dourados emolduravam o seu rosto. Parecia que estava em conversa com os animais ou com os Deuses porque podia jurar que podia ver um contorno de um sorriso que se esboçava sem esforço. Caminhou lentamente a fim de não lhe

assustar com a sua presença e contemplar por mais tempo aquela magnífica paisagem que a natureza pintou para ele.

Um som de estalar de ramos no chão se soltou e Weza virou-se para ver o que era.

– Como... como encontraste-me? – Disse surpresa.

– Já te disse que conheço este lugar, como a palma da minha mão? – Disse mansamente aproximando-se.

– Não! Vai-te embora. – Gritou sem olhar para ele.

Lombá ergueu os olhos para lhe encarar ignorando seu grito, e aproximando-se tentou lhe tocar suavemente.

– Não me toques. – Afastou-se encolhendo o corpo.

– Tudo bem. – Ele baixou as mãos, mas continuou dizendo-lhe.

– Mas então o que pretende fazer? Ficar aqui até que um Urso te venha salvar de mim?

Ele esboçou um sorriso fraco.

– Eu não tenho medo de Ursos. Vai-te embora, Lombá.

Lombá tentou aparentar frieza, mas não dava. Era difícil representar ao lado dela.

– O tempo seria bondoso comigo se me fizesse esquecer a tua teimosia!

Ela ignorou o que disse e virou-se para o outro lado.

– Sabe, é engraçado o que te vou confessar. Sabias que nos dias mais tristes, quando tento enganar a tristeza com um sorriso, só por teimosia, eu me lembro de ti?

– Sinceramente? Não sei e não quero saber. O que tu queres de mim, Lombá? Porque me trouxeste aqui? Vais obrigar-me a ser tua? – Disse com tristeza.

– Eu nunca te obrigaria a nada. – Falou calmamente.

– Não me obrigaria a nada, e olha onde estou. Por acaso recebeu alguma carta em meu nome implorando que fosse salva da corte?

– Não recebi nenhuma carta em seu nome. Mas...

– Mas o quê? Explica-me de uma vez por todas porque raios estou aqui?!

Lombá tentou aproximar-se e lhe tocar novamente, mas ela afastou-se.

– Não chegue perto de mim. – Afastou-se com os olhos inundados de lágrimas, perguntas e tristeza.

Ele coçou a cabeça procurando por palavras que pudessem fazer sentido naquele momento. Mas nenhuma palavra iria substituir o que tinha no peito, precisava jogar para fora todas as palavras que guardava. Todas as palavras refugiadas em

letras de músicas não podiam traduzir o que precisava admitir. Olhou para Weza com ternura e disse-lhe.

– O meu coração está deserto sem ti. A única coisa que me mantém vivo, é esse amor que sinto aqui dentro. Sem ti, está faltando metade de mim – Apontou para o peito.

– Lombá...

– Eu jurei amar-te, e tu bem sabes que eu sou um homem que honra a sua palavra.

Aproximou-se dela.

– Diga que também não me esqueceu, e que eu não estou louco.

– Lombá...

– Porque o beijo que te dei acendeu tudo que estava morto em mim. Eu jamais provei um beijo igual...

Weza paralisou ao ouvi-lo, não sabia como reagir diante de tamanha verdade. Podia sentir a pele a arrepiar-se, as pernas perderem forças e o corpo implorando pelo toque de Lombá. Mas não podia atender a tal sentimento físico. Precisava se manter firme.

– O que vivemos ficou para trás... eu... nós não devíamos... – Entreabriu a boca em protesto.

Lombá ignorou aquelas palavras e aproximou-se dela fazendo com que sentisse sua respiração.

– Eu só respiro quando estás perto. – Disse-lhe enquanto deslizava seus dedos pela boca irresistível de Weza tomando seus lábios em um beijo ardente com sabor a saudade.

– Não, Lombá. Pára. – Weza afastou-se lentamente negando para si mesma o sabor que tinha naquela boca.

– O que foi? Quando vai deixar de ser teimosa? Eu sei, eu sei. Fizeste uma escolha

quando me deixaste plantado naquele lugar. Eu sei que decidiste matar o nosso amor.

Coçou a cabeça denunciando a sua mágoa e continuou:

– Mas e eu? Eu tentei, sabias? Eu queria te esquecer. Ou seja, eu pensei que conseguiria viver sem ti. Mas não! Eu não sou o mesmo sem ti. Naquela noite levaste metade de mim, ou talvez tudo, porque eu não sinto isso há anos.

– Lomba...

– O meu coração pertence a ti. Eu não sei amar outra. – Disse olhando fixamente dentro de seus olhos tentando enxergar o que havia além da bela cor. Procurava sentir firmeza em suas palavras.

Lágrimas caíam pelos olhos de Weza descontroladamente, ele as limpou delicadamente.

– Eu também estive lá naquela noite, Lombá.
– Disse calmamente.

– O quê?

– Sim, Lombá. Naquela noite eu arrumei as minhas coisas. Decidi deixar a minha casa, a minha vida aqui por ti, por nós. Quando ia me preparando para sair, minha mãe apareceu. Eu pensei que estava tudo perdido, mas não. Minha mãe me segurou pelas mãos, olhou nos meus olhos e simplesmente perguntou: É realmente isso que quer? Mesmo me partindo o coração ter escolhido deixar a minha família, eu disse que sim sem pestanejar. Logo em seguida ela me deu um abraço e me ajudou a fugir.

– Weza...

Ela continuou após uma breve pausa.

– Corri ao teu encontro naquela noite, mas cheguei tarde. Tu não esperaste por mim.

– Mas como assim? Eu fiquei te esperando como combinado. Depois das zero horas soube que já tinhas feito a tua escolha.

– Podias ter esperado um pouco mais porque pouco tempo depois meu pai soube da minha fuga e arrastou-me de lá pelos cabelos.

– Eu não sabia disso.

– Como saberias? Eu fiz o que pude, Lombá. E sofri as consequências da pior maneira.

– O que ele fez contigo?

– Não importa muito agora. Eu fui ensinada a te esquecer e assumir o meu lugar no reino. Não vou permitir que me faça perder o controle de mim outra vez.

– Eu não estou louco?

– Como assim?

Lombá aproximou-se e esticou o braço direito para ela.

– Belisca-me! – Dizia eufórico. Com um sorriso largo nos lábios.

– Sim, estás louco! O que é isso?

– Eu preciso ter a certeza que isso não é um sonho.

Olhou fixamente dentro de seus olhos.

Os dedos ficaram mais encantados com a beleza de seu rosto e num ápice puseram-se a deslizar o rosto dela como o tocar das nuvens do céu. Weza contemplou a luz de fundo que vinha tomando conta dos olhos alegres de Lombá e quando os dedos deslizaram sua boca, pôde ver a transformação de uma luz que se tornava quente como o fogo. Sentiu seu corpo estremecer quando ele apertou contra o seu corpo enquanto escorregava a boca sugando-lhe a nudez do pescoço.

– Amo-te. –Disse-lhe após uma lambida intencional sobre a sua orelha.

– ...Lomba, eu...

Afastou seus cabelos do rosto e delicadamente tomou seus lábios em um beijo suave.

– És tão doce. Não sei como pude viver sem teus beijos. - Continuava a beijar seus lábios sem parar.

Pouco tempo depois uma chuva intensa começou a cair sobre eles. Lombá a abraçou ainda com os lábios grudados em sua boca, a segurou pelas costas e levantou seu corpo sobre o peito. Carregou Weza pelo colo para uma casota de barro abandonada que conhecia bem por ali. Uma casa minúscula com apenas um cômodo no canto direito. O ar era abafado por um cheiro de terra molhada, mas suficientemente quente para aguentar. Entraram nela.

– O que está fazendo? Eu não posso. Disse tentando voltar a lucidez.

Lombá sentou-a sobre o colo deslizando as mãos sobre os seus seios macios com o olhar penetrante.

– Amo-te. – Dizia beijando em cada parte onde passava a sua mão. – Eu preciso de ti. Deixa-me amar-te. – Disse-lhe num tom rouco.

Weza sentiu a mão dele entre as coxas acendendo o corpo inteiro. O coração começou a bater rápido como se fosse explodir. Por quantas vezes disse que não, o corpo não lhe dava ouvidos, deixando-se navegar em cada carícia. Delicadamente, Lombá a virou de costas para ele, e começou por desabotoar seu vestido e beijar cada parte nua de seu corpo.

Weza tentou resistir à tentação. Mas a paixão falou mais alto deixando-se levar por carícias, beijos e amassos quentes. Seu corpo tremia e seus olhos denunciavam o quanto queria ser amada por ele.

Após lhe despir por completo, deitou-a sobre o cobertor estendido no chão e parou por um momento a apreciar sua beleza natural. Tinha a intenção de guardar em sua memória como uma gravura que não se pode esquecer. Puxou a camisola por cima da cabeça vagarosamente, levantou-se sem parar de olhar para tamanho esplendor, abriu o zíper da calça lentamente e o que tinha dentro dela ganhou volume e grossura

fazendo com que fosse mais rápido na acção de despir-se.

Ela abriu as pernas convidando-o a entrar. Lombá deitou-se junto dela e uniu seu corpo ao dela que o recebeu com muito carinho procurando por sua boca. Antes de penetrar decidiu sentir o cheiro e o sabor de rosas que tinha entre as pernas e ela respondeu com gemidos altos apertando a cabeça dele com as duas pernas em simultâneo.

– Faça-me sua de uma vez por todas. – Gemeu mais alto.

Lombá atendeu a sua amada substituindo os dedos pelo presente que tinha entre as pernas. Penetrou fundo com delicados movimentos de vai e vem, amando-a como se fosse o último dia na terra.

Após longas horas de completa entrega, os seus corpos experimentaram o esplendor, o ápice, a viagem ao paraíso juntos. Apenas eles, como se

fossem as últimas criaturas na terra. Lombá não podia estar mais feliz.

– Porque não ficamos aqui para sempre? –

Disse Lombá, acariciando a nudez de seus ombros.

– Aqui?

– Sim, sei que não é o melhor lugar do mundo, mas estou contigo.

Ela sorriu em seco.

– O que foi? – Franziu a testa intrigado.

– Não sei. Eu ainda tenho perguntas.

– Perguntas?

Respirou fundo antes de responder.

– Pagou meu pai para me ter?

Lombá parou por um momento procurando falar sem rodeios.

– Paguei mais de uma vez. Mas eu não te comprei! Queria apenas ver-te e saber se estavas bem, e se eras feliz. Porque eu não era. Terêncio sabia de minha fortuna e influência, por isso propôs-me uma troca de favores. Eu não me importei em pagar porque estava ansioso, precisava voltar a ver-te depois de todos estes malditos anos sem ti.

– E por isso teve que matar Lúcius?

– Não. Eu fui enganado por Terêncio por diversas vezes. Recebeu muito dinheiro e não cumpriu com o acordo. Era simples, ele só precisava marcar um lugar, uma hora e...

– E obrigar-me a voltar a ver-te? Ele não teria coragem de me fazer tal pedido.

– Naquela noite, Terêncio planejava executar João III e seu filho. Sabe o que originaria? Seria um golpe de estado que nos mataria a todos. Teu pai não estava a pensar direito.

Weza levantou-se e caminhava vagarosamente pelo espaço, nervosa, confusa e odiando muito mais seu pai. Queria que tudo aquilo não fosse verdade.

– Eu não o matei. – Disse cortando o silêncio.

– Como? – Disse com voz trémula.

– Se o quisesse matar bastava apontar para a cabeça.

– Então Lúcius está vivo. Porque não me disseste antes? – Passou a mão no peito admirada. As lágrimas começaram a cair.

Pôs-se a vestir rapidamente, afastando-se dele.

– Ama-o?

Weza não respondeu.

– Está louca para voltar para os braços dele mesmo depois de tudo que aconteceu aqui? – Coçou a cabeça nervoso.

Indignada com o que ouviu, disse com a voz lenta, mas firme.

– Quer que eu te diga que não? Que não me importo com sua vida, e que não estou

arrependida? Pois bem, sim. Estou arrependida do que fizemos aqui! Eu preciso que me deixes voltar.

– Enxugou uma lágrima que insistia em cair com o cotovelo direito e prosseguiu. - Quero saber como está. É meu esposo, maldição!

– Ama-o, mas não consegue admitir.

– Deixe-me ir, eu imploro.

– Não, eu não posso.

– Por quê?

– Não foi por ele que eu te salvei da corte. Há algo que deve saber.

– O quê?

– Terêncio é o filho perdido do rei João II. O primogénito que o rei procurou até o dia de sua morte.

– Como? Não acredito. - Parou por alguns minutos. – Sendo assim, Lúcius e eu somos...

– Primos.

– Como assim? Onde foi buscar essa história absurda?

– Tenho a certeza de que já ouviu falar sobre a história do príncipe perdido. João II viveu um amor proibido com uma empregada do palácio. Quando ela engravidou dele, João I mandou matar a mãe e o bebé. Logo depois João II soube por alguns camponeses que a criança sobreviveu e

procurou por todo o Waku kungo, mas nunca o encontrou.

– Não é possível que seja o meu pai. Eu conheci meus avós.

– Quando Terêncio soube de sua verdadeira linhagem, tentou reclamar seu lugar no reino, mas nunca lhe foi concedido. Por isso, empenhou-se em conseguir a seu jeito. Fui informado que pretendia matar o rei e qualquer sucessor à coroa sem medir esforços.

– Mas não foi ele quem atirou em Lúcius.

– Certo. Foi a única oportunidade que tive de te proteger.

– Proteger-me de quem?

– Se João III e Lúcius morressem, quem acha que reinaria?

– Espere? Eu?

– Sim.

– Ele não seria capaz. É meu pai!

– Tem a certeza disso?

A porta de madeira abriu bruscamente fazendo um estrondoso ruído, adentram três homens armados. Apontaram as armas em direção a Lombá que levou as mãos para o alto sem hesitação.

– Tirem a rainha daqui. Você vem conosco.

– Falou Horácio para os homens, sem tirar os olhos de Lombá.

– O que está fazendo, Horácio? Vai atirar em mim como um covarde?

– Não temos tempo a perder, vamos, veste-te, anda logo!

– Não toquem nela! – Gritou para os homens armados.

Antes mesmo de agir, ouviram-se tiros pelo lado de fora da casa de barro.

Horácio e seus homens abaixaram-se surpreendidos.

Lombá procurou Weza rapidamente com os olhos tentando protegê-la dos tiros. Um dos homens de Horácio foi atingido pela cabeça e caiu morto pelo chão.

– Proteja a rainha! – Horácio gritou para o companheiro que tinha Weza sobre os braços.

Horácio encostou-se debaixo de um móvel de madeira e abriu fogo para fora.

– Estão cercados. Entreguem-se ou sairão como cadáveres! – Uma voz disse alto no lado de fora.

– Temos a rainha. Se dispararem contra nós...
– Hesitou. – Não há hipótese de salvá-la.

– Que são vocês? Apresentem-se.

Lombá reconheceu a voz vinda de fora. Enquanto Horácio falava, pegou na arma do homem morto e apontou para o homem que tinha Weza sobre os braços.

– Weza? – Anda para cá. -Lombá falou baixo com a voz a perder-se. O coração batia em um ritmo acelerado devido ao estado aparente dela.

Ela tinha os olhos cansados, que oscilavam devido a dor. O mundo estava a perder a cor, mal conseguia ver Lombá. Olhou devagar para onde segurava onde vinha a dor, e viu sangue a escorrer sobre o seu vestido. Tentou abrir a boca para responder, mas gaguejou apenas umas palavras que não se podia perceber.

–... Weza? – Lágrimas caíam pelos olhos dele.
– Calma. Respira. Não feche os olhos, eu estou aqui, meu amor.

– Rainha ferida! Deixem-nos sair. - Gritou Horácio.

– Joguem primeiro as armas para fora, e saiam todos com as mãos ao alto!

Horácio e seu companheiro obedeceram. Saíram com Lombá deixando a rainha dentro.

O som dos tiros chamou a atenção dos soldados do palácio que estavam ali perto, e antes que os homens se movessem em resposta, cercaram o espaço com armas apontadas para todos os homens!

– É o músico! Prendam-no! – Disse o homem que comandava os soldados.

Continua...

PAY IF YOU LIKE

A escrita é uma maneira de apreender a realidade interna do ser-no-mundo assim como o seu contexto histórico e social. Para isso, há que se ter uma apreensão estética e um sentimento de empatia com a humanidade. Quando escrevo, mergulho no mais profundo dos meus pensamentos e sentimentos. Vivo cada momento, cada detalhe, como se pudesse realmente entender cada personagem descrita.

Dessa arte, que tanto amo e entrego-me de corpo e alma, não ganho o meu alimento, mas me contento por saber que alguém a consome. Porque a minha arte, é tão importante quanto as outras, julgo ser tão importante quanto a música, a pintura, bandas desenhadas e outras.

Como apoio à toda arte disponibilizada gratuitamente, a **PAY IF YOU LIKE**, traduzida como **“PAGUE SE VOCÊ GOSTAR”** surge como um meio-termo entre artistas e consumidores. Você não precisa de viver insatisfeito por ter comprado um trabalho ou producto de baixa qualidade, igualmente não pode deixar de apoiar e incentivar os artistas do seu país que se dedicam nesta e outras artes, tanto de dentro como de fora.

Não há preço nem exigências, esses modelos podem eliminar o medo de um produto valer um determinado preço definido e o risco relacionado de decepção. Pague apenas o que estiver ao seu alcance porque nenhum dinheiro dado de boa intenção será pouco, e na ausência de apoio financeiro, você estará a ajudar o artista a ir mais longe, partilhando com pessoas que podem pagar pelo consumo, ou então apoiar com entrevistas na rádio, televisão ou outros meios de visibilidade para a voz do artista ecoar pelo país e pelo mundo.

Você só precisa parabenizar os artistas pela qualidade e incentivá-los a serem melhores nos próximos trabalhos. Apoie a arte nacional e pague pelo que gosta.